

Durante as Olimpíadas Rio 2016, a cidade recebeu as seleções da Austrália, Azerbaijão, Canadá, França e Portugal para treinamento. Um ambiente como esse com seleções de alto rendimento é uma forma clara de fomentar a competição a partir das experiências deixadas pela passagem desses grupos na entidade. Um centro de treinamento que vislumbra estar entre os melhores precisa criar condições de intercâmbio. Ao criar essas condições, estamos diante de um espaço ímpar e privilegiado dentro do terceiro setor.

Carlos Vasconcellos Ribeiro

Esporte de alto rendimento e terceiro setor: o caso das Olimpíadas Rio 2016

High performance and third sector sports: the case of the Olympics Rio 2016

CARLOS VASCONCELLOS RIBEIRO*

Resumo

Os projetos esportivos sociais que estão em funcionamento no terceiro setor têm, a partir do caso de sucesso da medalha de ouro conquistada pela judoca Rafaela Silva, um bom exemplo de seleção, captação e desenvolvimento esportivo. O objetivo desse estudo é analisar o projeto esportivo desenvolvido por entidades do terceiro setor que atuam com alto rendimento esportivo. Para tanto, investiga o Instituto Reação e suas estratégias para o desenvolvimento e formação de atletas de alto rendimento com vistas a competições dentro do judô. Como conclusão, apontamos as estratégias que podem ser replicadas por outras entidades que visem o mesmo objetivo, sem, contudo, deixarem de desenvolver demais atividades de inclusão social.

Palavras-chave: Esporte de alto rendimento. Terceiro setor. Rio 2016.

Abstract

The social sport projects that are in operation in the third sector have, as of the case of success of the gold medal won by judoka Rafaela Silva, a good example of selection, capture and sports development. The objective of this study is to analyze the sports project developed by entities of the third sector that work with high sports performance. In order to do so, it investigates the Reaction Institute and its strategies for the development and training of high-performance athletes for judo competitions. As a conclusion, we point out strategies that can be replicated by other entities that aim at the same objective, without, however, failing to develop other activities of social inclusion.

* Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho; Docente do Mestrado Profissional em Gestão do Trabalho na Universidade Santa Úrsula; E-mail: c.henriqueribeiro@gmail.com

Keywords: Performance sports. Third sector. Rio 2016.

Introdução

A prática esportiva na sua dimensão social está dividida, em termos teóricos, no esporte de participação, esporte de rendimento e esporte educacional (TUBINO, 1987). Essas três dimensões têm servido de sustentação para interpretações sobre como são desenvolvidas as atividades corporais, seja no ambiente formal (escola) quanto no ambiente não formal (projetos sociais, clubes e academias). Ao longo dos anos, foram incorporadas críticas há um modelo de intervenção profissional na área de educação física que se mostrava excludente e dicotômico, entre um esporte de inclusão e um esporte de rendimento, sobretudo na área escolar (STIGGER; LOVISOLO, 2009). Tais críticas tentam diminuir as tensões na área sobre o conteúdo e suas formas de aprendizagem neste ambiente. Assim, existiria um esporte da escola e um esporte na escola (BRACHT, 2000; VAGO, 1996).

Ao professor de educação física que atua com essa realidade, caberia um papel mais de desenvolver a inclusão e não a exclusão, onde a seleção de talentos esportivos se mostrava pouco provável. Em que pese que o caráter educacional do esporte em seu viés competitivo, esse não permitiria o desenvolvimento de um esporte de participação. Como a formação profissional na área da educação física habilita, em níveis de Licenciatura e Bacharelado, o trabalho em ambientes divididos entre formal e não formal, essa discussão entre um esporte que inclui e um esporte que serve ao alto rendimento também alcançou os projetos esportivos de cunho social, ou seja, aqueles cujo objetivo é incluir, através de práticas esportivas, crianças e adolescentes em área de risco social, sobretudo da iniciativa de organizações do terceiro setor (RIBEIRO, 2004).

Os projetos esportivos sociais caem, assim como no espaço escolar, em uma armadilha difícil de sair: como incluir crianças e adolescentes através do esporte, mas também permitir que os que desejem se dedicar ao esporte de rendimento tenham a estrutura necessária para fazê-lo nesse ambiente?

Os recursos públicos e privados investidos devem ser prioritariamente para um esporte com vias de inclusão social ou esporte voltado para o rendimento?

Quais critérios o poder público e a iniciativa privada podem adotar para a escolha de alocação de recursos em projetos esportivos?

Esse estudo tem como objetivo analisar as entidades do terceiro setor que atuam na área esportiva e suas estratégias para fomentar o esporte de alto rendimento. Ao fazê-lo, indicamos que a partir desses casos de sucesso podem ser realizadas estratégias de ação que ajudem outras entidades do terceiro a se desenvolverem sem a necessidade de contar exclusivamente ou de grande parte do setor público. Captação de empresas privadas, implantação de programas com objetivos claros, metas a serem realizadas e conquista de resultados que possam se tornar visíveis e amplamente

divulgados são abordados nesse estudo.

Nossa hipótese é a de que, a partir da medalha de ouro conquistada pela judoca Rafaela Silva durante as Olimpíadas Rio 2016, os projetos esportivos sociais tornam-se um dos principais locais onde a seleção e captação de talentos esportivos com vistas ao alto rendimento podem ser desenvolvidas. A medalha de Rafaela Silva é emblemática: descoberta em um projeto esportivo social, trilhou um longo caminho até a conquista do lugar mais alto do pódio. Mas é, sem dúvida, a associação de sua imagem pública com o projeto social que a ensinou a praticar o judô que nos interessa, para fins de discussão teórica entre os projetos sociais esportivos do terceiro setor e o desenvolvimento do esporte de alto rendimento em nosso País.

Dessa feita, argumentamos, ao longo das próximas páginas, que o terceiro setor brasileiro – que se dedica a incluir crianças e adolescentes em áreas de risco social através do esporte –, precisa criar estratégias de ação que incluam o esporte de alto rendimento com vistas, ao menos, à descoberta e seleção de talentos esportivos. Argumentamos que a competição no esporte é um dos elementos incentivadores valiosos, além de servir como um dos critérios para a alocação de recursos financeiros. Quando entidades desse setor clamam por mais recursos, seria interessante avalia-las tendo também o esporte em seu viés competitivo como um elemento de distinção sobre sua capacidade realizar ações de médio e longo prazo.

Método

Esta pesquisa é de natureza qualitativa (DEMO, 2012). Selecionamos de forma intencional o Instituto Reação como entidade que desenvolve projetos sociais na área esportiva. A escolha deveu-se ao fato desse Instituto ter sido identificado como o responsável pela descoberta da atleta de judô e campeã olímpica na Rio 2016, Rafaela Silva. Esta pesquisa se caracteriza por ser de caráter qualitativo e seu método trata-se de um estudo de caso. O modelo qualitativo busca alastrar as possibilidades de analisar e perceber os fenômenos sociais, ao invés de fechá-los ou concluí-los (DEMO, 2012). No que diz respeito à escolha pelo método de Estudo de Caso, encontramos guarida em Stake (2009), pois segundo o autor essa estratégia conduz o investigador a uma melhor compreensão do caso, com observações mais pertinentes do problema. O Estudo de Caso faz referência à especificidade, particularidade e complexidade necessária para assim ser designado. É comum que a escolha do acontecimento seja definida conforme “objetos” a serem investigados, onde a curiosidade em estudar um problema não está centrada apenas no interesse ou aprendizagem de outros episódios, mas também no entendimento do mérito inerente ao caso. As pesquisas que tratam de investigações de estudos de caso precisam, de forma recorrente, justificar a relevância do seu objeto. Deteremo-nos no Reação porque consideramos que é a primeira vez, na história do esporte brasileiro, que o terceiro setor consegue levar os créditos pela descoberta e desenvolvimento

de um talento esportivo até que este alcance o lugar mais alto do pódio.

Realizamos uma análise documental no sítio do Instituto Reação (institutoreacao.org.br) durante o mês agosto de 2017. Selecionamos de forma intencional o material relacionado ao funcionamento do Instituto, bem como as matérias postadas que faziam referência aos resultados obtidos por seus atletas em competições nacionais e internacionais. Concentramos nossa amostra nas matérias postadas em seu site que faziam referência às ações sociais desenvolvidas pelo Instituto. Esse material está relacionado à capacidade do Instituto em revelar talentos esportivos para o Judô em seu caráter competitivo. Dessa forma, a trajetória de vida da atleta Rafaela Silva, campeã da primeira medalha olímpica nas Olimpíadas Rio 2016, bem como de outros atletas, é conjugada com as ações do Instituto, sendo um exemplo de sucesso a ser investigado pelos pesquisadores das áreas de políticas públicas que unem esporte, terceiro setor, inclusão social e alto rendimento.

Resultados

O Instituto Reação é uma organização não governamental criada pelo medalhista olímpico do judô Flavio Canto e por seu técnico Geraldo Bernardes em 2003. No site do Instituto, é possível ler sobre uma pequena história do seu desenvolvimento, a partir de uma breve linha do tempo que serve de esclarecimento sobre a trajetória dessa entidade. O número de atendimentos saltou de 989 beneficiários em 2014 para 1357 em 2016. Ou seja, um aumento de 37,2% em 2 anos (institutoreacao.org.br/pdf/reacao_relatorio_2016.pdf). Desde o ano de 2013, o Instituto publica em seu sítio o seu relatório anual, o que permite acompanhar os resultados de sua evolução financeira. Durante as Olimpíadas Rio 2016, a cidade recebeu as seleções da Austrália, Azerbaijão, Canadá, França e Portugal para treinamento. Um ambiente como esse com seleções de alto rendimento é uma forma clara de fomentar a competição a partir das experiências deixadas pela passagem desses grupos na entidade. Um centro de treinamento que vislumbra estar entre os melhores precisa criar condições de intercâmbio. Ao criar essas condições, estamos diante de um espaço ímpar e privilegiado dentro do terceiro setor.

Os programas desenvolvidos

Há três programas em funcionamento: a) Reação Escolas de Judô e Lutas; b) Reação Educação; e c) Reação Olímpico. A ênfase no primeiro programa é oferecer aulas de judô para crianças e adolescentes em áreas de risco social. Como se pode ler, há mais de 100 crianças e adolescentes frequentando essas aulas e objetivo é “auxiliar no desenvolvimento humano dos jovens, para se tornarem faixas pretas dentro e fora do tatame” (institutoreacao.org.br/programas/, 2017). Sem deixar de atender a um grande público, inferimos que a massificação do esporte nesse Programa pode contribuir

para descoberta e seleção de novos talentos. O Instituto repete aqui a fórmula de demais entidades do terceiro setor: massificação esportiva.

O segundo programa nomeado de “Educação” repete, tal como em outras entidades, o binômio esporte-educação, com a usual ação de ocupar o tempo livre de crianças e adolescentes. Tal iniciativa é frequente no âmbito das entidades do terceiro setor.

Verifica-se, nesses dois programas, a mesma fórmula dos projetos esportivos do terceiro setor: iniciação esportiva e ocupação do tempo livre. Iniciação com viés de captação através de aulas que visem captar crianças e adolescentes. Ocupação do tempo livre na medida em que é recorrente nessa área o discurso de que é preciso ocupar o tempo ocioso, sobretudo de crianças e adolescentes que vivem em áreas de risco social.

O terceiro programa tem como objetivo “desenvolver atletas de alto rendimento para que participem de competições nacionais e internacionais”. É nesse programa que vislumbramos o salto qualitativo necessário para que o esporte de rendimento possa ser menos dependente economicamente de entidades tradicionalmente responsáveis para o desenvolvimento esportivo no Brasil, tais como os clubes, federações, confederações e governos nas suas instâncias, federal, estadual e municipal.

A extensa rede de captação, seleção e desenvolvimento esportivo até o alto rendimento é complexa e multifatorial. Porém, ao trazer para si a função de descobrir talentos esportivos no judô e desenvolvê-los dentro de suas instalações a partir da experiência competitiva nacional e internacional, o Reação passa a controlar essas etapas, não deixando que outrem o façam ou que um talento ora descoberto se perca na tradicional ida para um clube ou aos cuidados de uma confederação. Acreditamos que esse é um exemplo que precisa ser mais estudado: o controle da descoberta do desenvolvimento do talento esportivo, sem necessariamente depender que outras entidades façam o trabalho de amadurecimento do atleta. Ou ainda que a transição entre a descoberta do talento esportivo e o seu envio aos cuidados de um clube ou confederação não seja feita em um tempo prematuro, contribuindo para um provável e corriqueiro abandono.

São frequentes os casos de entidades do terceiro setor que trabalham com a massificação esportiva. Mas a grande maioria não vai além disso. Como visto em nossa introdução, o trabalho de inclusão social através do esporte é importante é reforçado em termos teóricos, mas restringir apenas nessa etapa é um erro que eleva centenas de entidades do terceiro setor para o lugar comum muito próximo do ensino do esporte no ambiente escolar. Trabalhar a iniciação esportiva é apenas uma etapa entre outras possíveis.

Assim, o que o Reação apresenta como atividade de inovação é o seu programa olímpico. Ali a destinação de recursos humanos e financeiros para que sejam encontrados possíveis talentos esportivos e que esses tenham condições de permanecer se desenvolvendo é um diferencial que deu resultados e precisa ser pensado como uma das formas de impulsionar o

esporte de rendimento no Brasil. Dadas as características próprias de cada entidade do terceiro setor que escolhe o esporte como um dos elementos de ação para inclusão social, é possível pensar em replicar as experiências que se apresentam bem-sucedidas. O bem-sucedido aqui é mostrar que o caminho para o alto rendimento no Brasil pode ter o terceiro setor como aliado não apenas mantido o discurso da ocupação do tempo livre para os que se encontram em áreas de risco social, mas também ensinando e permitindo que o esporte de alto rendimento possa ser incentivado.

Os atletas de alto rendimento: os casos de sucesso

Para um atleta, treino e competições em nível técnico nacional e internacional, alimentação, apoio psicológico, entre outros itens são de fundamental importância. Conseguir isso dentro de uma entidade onde inicialmente foram dadas as primeiras aulas de iniciação é elemento de incentivo, conseguindo agregar os interessados num espaço altamente qualificado, competitivo e estimulante.

No site do Reação, há uma seção destinada às “estórias de sucesso”. Nele podemos observar as fotos de 15 atletas. A entidade obteve na Olimpíada Rio 2016 uma presença singular: dois atletas participaram do Time Brasil e dois atletas no Time dos Refugiados. Além disso, 8 atletas participaram, também no mesmo ano, da seleção brasileira sênior de judô. Ainda, nas categorias sub 21 da Confederação Brasileira de Judô, há uma atleta, na sub 15, 3 e na sub 13, 2. No total, 6 atletas das categorias de base participam das seleções da confederação.

Mas é, sem dúvida, a medalha de ouro conquistada pela judoca Rafaela Silva categoria 57 kg a grande conquista da entidade. Sua trajetória de sucesso é um exemplo de como entidades do terceiro setor podem conseguir resultados esportivos significativos com inclusão, para crianças e adolescentes em áreas de risco social.

Rafaela Silva foi a primeira judoca a conseguir duas medalhas de ouro nas competições mais importantes desse esporte: a do campeonato mundial e a olímpica. De origem humilde, a narrativa de sua trajetória de vida ganha contornos de mudança a partir de sua descoberta nos tatames, feita por um dos criadores do Instituto, o professor de educação física Geraldo Bernardes. O trabalho técnico desenvolvido em Rafaela transformou mais uma iniciação esportiva – entre tantas ocorridas do terceiro setor –, em alto rendimento. Argumentamos na introdução de nosso trabalho que a dicotomia entre um esporte de inclusão e um esporte de rendimento levam diversas iniciativas, tanto dentro da escola quanto fora desse ambiente a privilegiar uma ou outra iniciativa. O que se percebe em um instituto como o Reação é que a trajetória de vida e experiência profissional no alto nível de seus criadores (Flavio Canto e Geraldo Bernardes) fez com que as condições para a captação de novos talentos não ficasse restrita à iniciação esportiva, mas que um centro de treinamento de alto nível pudesse ser iniciado nos núcleos das áreas de risco social dentro de comunidades pobres da cidade do Rio de Janeiro.

Os apoiadores do Instituto: patrocínio, geração de renda e responsabilidade social

As iniciativas do terceiro setor ainda dependem do setor público para se desenvolverem. Assim tome-se qualquer mudança política nos níveis federal, estadual e municipal, e temos as liberações de recursos movidas ao sabor do calendário político-eleitoral. Nenhuma instituição pode contar, portanto, com esse tipo de situação para o planejamento e execução de suas ações. Ao estudarmos o Reação nos deparamos com diferentes tipos de financiadores, a saber: a) parceiro “faixa marrom” com três empresas; b) “faixa roxa” com quatro empresas; c) parceiro “faixa verde” com três; d) “faixa laranja” com 19. Na área de apoiadores, tem-se 16 empresas. Ainda, 3 empresas aparecem como apoiadores “técnicos” e 18 estão listadas como colaboradores. Somadas, são 66 grupos que estão ligados ao Instituto. Pode-se inferir que tais empresas deem sustentação econômica às ações. Há de se ressaltar que as diferentes “faixas” significam diferentes tipos de contribuição não apenas de forma financeira, mas também de produtos e serviços. Uma extensa rede de colaboradores, inclusive de porte internacional, significa que as ações estejam sendo observadas, os resultados avaliados e as metas traçadas. Com o desenvolvimento das áreas de responsabilidade social das empresas, o esporte tem sido escolhido como um elemento agregador de fácil assimilação entre marcas e ações no terceiro setor (AREIAS; BORGES, 2011; LAZZARI; THOMASSIM; STIGGER, 2010).

Além desses patrocinadores, o Instituto realizou um evento beneficente para a arrecadação de fundos, o jantar solidário em novembro de 2016. O lucro conseguido foi de R\$418.281,00. Nessa noite, foram vendidos 617 convites e diversos artistas e pessoas do meio esportivo compareceram, apoiando a causa do Reação, como pode se observar nas fotos de divulgação.

A capacidade de apoio financeiro e patrocínio nos parece, pelo montante aqui descrito, uma das estratégias mais bem-sucedidas do Reação: fazer com que as empresas do primeiro setor se associem à causa desenvolvida pelo Instituto, reforçando o compromisso com a responsabilidade social que existe entre o setor produtivo e o terceiro setor.

Considerações finais

Analisamos neste artigo as inovações de ação do terceiro setor que estão relacionadas ao esporte. O caso abordado é um exemplo de sucesso na questão da inclusão social através do esporte de rendimento. O que estudamos aqui são as condições dadas pelo Instituto Reação para que essa pudesse alcançar o nível técnico necessário. Uma medalha de ouro conquistada em uma olimpíada passa a ser um divisor de águas para o terceiro setor. Para aqueles que atuam em projetos esportivos sociais, é necessário agora ir além da massificação esportiva e concentrar recursos

para também fomentar o alto rendimento.

Os projetos esportivos sociais precisam lidar com as condições de capilaridade, flexibilidade e visibilidade para terem sucesso. Não podem ainda contar com a exclusividade dos recursos advindos do poder público para que suas ações aconteçam. Em seu relacionamento com o poder público brasileiro, precisam ter estratégias de ação sobre as mudanças dos humores governamentais que acontecem mais acentuadamente a cada dois anos em nível municipal e estadual/federal. Exemplos de trajetórias de sucesso são boas ferramentas para captação de recursos junto às empresas privadas, fazendo com que com isso uma maior cobrança e transparência na gestão desses recursos possam retornar na forma de responsabilidade social a todos que investem.

Além disso, a competição é um elemento que cria, na cultura esportiva, a permanência e manutenção dos que se dedicam à aprendizagem. Sem ela não é possível o planejamento, a construção de metas e nem mesmo o *feedback* do trabalho desenvolvido. Os projetos esportivos do terceiro setor ao assumirem essa função contribuem decisivamente na inovação de um modelo que pode agregar inclusão social com vistas para a seleção de atletas no alto rendimento.

As relações de confiança no trabalho do Instituto para que o atleta descoberto possa alcançar a seleção brasileira desse esporte apresentase bem atendido. Como vimos, 6 atletas já estão nas categorias de base, demonstrando que outros poderão ser incorporados e o que estão podem galgar, no futuro a categoria adulta.

Na questão de captação de recursos, seria interessante que o poder público possa escolher e incentivar os projetos esportivos que não apenas tem a inclusão social como o elemento principal, mas também que incentive esses projetos a incluir o alto rendimento como meta. A competição não pode ser um elemento em si mesmo, mas um canal de desenvolvimento humano que ajude a ser um dos critérios de avaliação dos recursos, humanos e financeiros, dispendidos ao longo do tempo. Ressaltar a competição no esporte pode ainda ajudar adolescentes a terem a experiência da aprendizagem e treinamento esportivo de qualidade, levando-os a caminhos jamais antes trilhados, nessa complexa e multifatorial dimensão que é o esporte de alto rendimento.

Referências

AREIAS, K. V. T.; BORGES, C. As políticas públicas de lazer na mediação entre estado e sociedade: possibilidades e limitações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 573-588, set. 2011.

AZEVEDO, M. A. O. de; GOMES FILHO, A. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Pov. 33, n. 3, p. 589-603,

set. 2011.

BELLONI, I.; MAGALHÃES, H.; SOUZA, L. **Metodologia de avaliação em políticas públicas**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

BEZERRA, A.; DOMINGUES, T.; RIBEIRO, C. Esporte e inclusão social: estudo de caso de uma equipe de alto nível de futsal. **Salusvita**, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-18, jan./abr. 2012.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. XIV-XXIV, jan. 2000.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5 ed. Campinas: Editora Papirus, 2012.

KNIJNIK, J.; TAVARES, O. Educating Copacabana: a critical analysis of the "Second Half", an olympic education program of Rio 2016. **Educational Review**, v. 64, n. 3, p. 353-368, aug. 2012.

LAZZARI, A.; THOMASSIM, L. E.; STIGGER, M. A socialização de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social de tênis. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Paraná, v. 9, n. 16, p. 51-64, jan./jun. 2010.

MELO, V. "Projetos sociais" de esporte e lazer: reflexões, inquietações. **Quaderns d' Animació i Educació Social**, sugestões, n. 7, p. 1-24, jan. 2008.

RIBEIRO, C. **Mais do que pendurar as chuteiras: o futebol que investe no social**. Niterói: Nitpress, 2004.

RIBEIRO, C.; PEREIRA, E.; DELGADO, H. Public policies for high performance sport: the case of social projects in Brazil after Rio 2016 Olympic Games. In: MATARUNA-DOS-SANTOS, L.; PENA, B. (Orgs./Eds.). **Mega events foot prints**. Rio de Janeiro: Engenho, 2017, p. 1066-1076.

SANDFORD, R.; ARMOUR, K.; WARMINGTON, P. Re-engaging disaffected youth through physical activity programmes. **British Educational Research Journal**, v. 32, n. 2, p. 251-271, 2006.

SOARES, A.; MELO, L.; COSTA, F.; BARTHOLO, T.; BENTO, J. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 905-921, dez. 2011.

STAKE, R. **A arte da investigação com estudo de caso**. 2 ed. Lisboa, Portugal: Calouste Gulbenkian, 2009.

STIGGER, M.; LOVISOLO, H. **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

TAVARES, O.; KNIJNIK, J. Olympic education in the Rio 2016 planning: theoretical and methodological aspects. In: REN, Hai; DACOSTA, Lamartine; MIRAGAYA, Ana; ZHUO, Zhao. (Org.). **Olympic Studies Reader**, v. 2, 1 ed. Beijing: Beijing Sport University Press, 2016, p. 236-254.

TUBINO, M. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: IBRASA, 1987.

VAGO, T. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Porto Alegre, ano III, n. 5, p. 4-17, jul./dez. 1996.

VIANNA, J.; LOVISOLO, H. Esporte educacional: a adesão dos sujeitos das camadas populares. **FIEP BULLETIN on-line**, Paraná, v. 75, Special edition, article I, p. 487-490, 2005.

VIANNA, J.; LOVISOLO, H. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 285-296, jun. 2011.